

# O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

**SUMMARIO:** — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christã (XXXVIII) Companhias que nos coavém*, pelo rev.<sup>mo</sup> sr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo rev.<sup>mo</sup> sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; — *Moeda d'ouro portugueza*, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Alves d'Almeida. — SECÇÃO CRITICA: *O egoismo de mãos dadas com o scepticismo*, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Placido de Vasconcellos Maia; — *O orgulho*, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Mendes Rosa. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Lettas testemunhaes para Ordens*; — *Entoações do Gloria, do Credo, etc.* — SECÇÃO LITTERARIA: *Desigualdade*, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Alves d'Almeida; — *O homem só*, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Alves d'Almeida. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Helcias acha um livro da lei*; — *Santa Iñez, Virgem e Martyr*, pela redacção. — RETROSPECTO: pela redacção.

**Gravuras:** *Helcias acha um livro da lei*; — *Santa Iñez, Virgem e Martyr*.



HELCIAS ACHA UM LIVRO DA LEI

## SECÇÃO DOUTRINAL

## A Milicia Christã

XXXVIII

COMPANHIAS QUE NOS CONVÊM

**N**ASCIDO o homem para a sociedade, carece d'ella, para attingir o seu desenvolvimento racional, a sua respectiva perfectibilidade, para expandir as suas ideias e assimilar as dos seus irmãos, para communicar os seus affectos e gosar subjectivando os alheios, para ser soccorrido nas suas e recrear-se soccorrendo as necessidades alheias.

Os mineraes dormem na sua inercia e tanto lhes dá a companhia mais opulenta, como o isolamento mais completo.

As plantas, quando menos assombradas pelas suas irmãs, melhor se desenvolvem; mas o homem, na meninice, precisa da mãe, que o alimenta e acaricia, do pae que lhe dê abrigo e de quem o embale, o limpe e o leve ao collo.

Na infancia de quem o eduque e alimente, na juventude de quem o ame e aconselhe, na idade adulta e sempre de quem lavre, de quem malhe, de quem moa e lhe faça o pão, de quem lhe faça camisas, calças, collete e casaco, calçado e chapéo, se não usa carapuça.

Carece quando velho de quem o console e ampare.

Carecemos sempre dos nossos irmãos.

Quer Deus que no bom uso da nossa sociabilidade esteja a nossa temporal ventura, e, não sei se diga, que tambem a eterna, supreditada hoje ao bom uso dos santos sacramentos, que ninguem pôde administrar-se a si proprio.

E' pois um ponto para todos da maior transcendencia o nosso modo de ser social: mas ali onde as venturas vão, ali é que muito facilmente se perdem.

Precisamos ir precavidos, para salvar attritos, evitar alysmos e superar escolhos, que se topam frequentes no caminho da vida no social concurso.

Se a verdade e a justiça fossem, como o deveriam ser, as características da humanidade no estado actual, nada haveria a fazer mais que deixar-se ir após os instinctos da sociabilidade sempre palpitantes no coração: mas estando, como estão, essas características tão apagadas na maior parte dos individuos da pobre familia humana, pela malicia, que trahorda, e a corrupção, que se alastra, não é prudente lançar-se sem precauções n'esse mar tumultuoso, nem pensar que nos haveremos n'elle venturosos como em mar de rosas.

Já se entende que os que não temos coragem para nos retirar a silenciosa

thebaida, ficamos a viver nas cidades do Egypto e a tratar, mais ou menos, com toda a classe de gentes, boas e más. Como, porém, cada qual procura formar na vida social um centro de amigos, para partilharem com elle maguas e alegrias, na escolha d'estes está, sem duvida, a difficuldade, que desejamos cooperar e resolver.

Quando o peregrino procura baculo para a sua longa jornada, examina-o se será flexivel, que não quebre e forte que o sustente quando lhe faltar o pé.

E tal deverá ser o amigo, que nos houver de servir na jornada da vida.

Flexivel, que saiba e queira sacrificar-se por seu amigo, e forte no seu amor á justiça e á verdade, por fórma que, s'ncero e franco, esta diga e aquella pratique.

Estes caracteres, porém, são pouco vulgares nos povos, onde nos sorri uma illustração superficial e maliciosa, que escarnece tonta do que não entende e envenena nos seus alvares a candida innocencia.

Além d'isso os amigos não se escolhem no mercado universal como os livros, hão de procurar-se no pequeno recinto onde o individuo gira nos dias da vida.

E' certo que podemos ter amigos lá muito longe: mas o serão aquelles, com quem antes convivemos mui de perto.

E tenha-se muito em conta que os amigos deverão ser da classe social, em que imos: porque, se são de classe superior, a nossa amizade para com elles poderá parecer bajulação mesquinha, o que nos honraria pouco: ou vir alimentar em nós o fumo da soberba, o que é ainda peor.

Mas o que convem ter presente na escolha dos amigos é que estes tenham a consciencia recta e o coração puro: porque se não fór assim virá a sua amizade a ser lethal veneno para a nossa pobre alma.

E' a amizade como uma corrente electro-magnetico que vem estabelecer-se entre dois espiritos, fazendo que cada qual sinta em si o que no outro vae.

E' por isso que, se na mente do nosso amigo vão erros ou no coração paixões corruptoras, pouco e pouco, com a tinta da sympathia, se irão erros e paixões estereotypando na nossa pobre alma; o que representa, para nós, a maior das desgraças.

E pela mesma razão, se na alma do amigo vão crenças e virtudes, é d'esperar que se venham ellas insinuando na nossa, e se já cá nos iam, com o suave ambiente da sympathia crescerão no mais consolador remanso.

Os amigos sem consciencia são da raça de Judas e do mau ladrão; os verdadeiros amigos como o discipulo ama-

do, S. João, e a Magdalena, nos dias adversos, como nos prosperos, serão comnosco. Na milicia christã, como em toda a milicia, é muito de temer o falso amigo.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

## SECÇÃO HISTORICA

## Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 5)

CCLXXV

P. João Canaye

**N**ASCEU em Paris, no anno de 1594, e, professando na Companhia de Jesus, distinguio-se na oratoria sagrada e na poesia. No ministerio do pulpito, que exerceu por muitos annos em diversas partes da França, gosou de grande reputação, porque os seus sermões eram cheios de unção e piedade, produzindo abundante fructo nos ouvintes.

O P. João Canaye foi professor de humanidades no collegio de Clermont; em seguida teve o cargo de reitor do collegio de Moulins, e depois do de Blois; e finalmente foi superior dos hospitaes do exercito de Flandres.

Morreu este sabio Jesuita em Rouen, a 26 de fevereiro de 1670. Deixou varias obras de piedade e poesia, que manifestam o seu fervor religioso e o seu talento.

Ha uma obra, em pequeno volume, escripta em francez, e que tem por titulo — *Conversação do marechal Mouchy e do P. Canaye, Jesuita*. E' seu auctor um tal Carlos de Charleval.

Esta obra não é outra cousa que uma historia phantastica urdida pelo auctor, que pretendeu lançar o ridiculo sobre a doutrina dos Jesuitas ro que respeita á graça divina. Charleval nada entendia de theologia. Um outro auctor accrescentou-lhe uma dissertação sobre o jansenismo e o molinismo, que padece do mesmo defeito.

A doutrina da graça e do livre arbitrio é uma das mais difficeis da theologia catholica. Tem sido tratada profunda e extensamente por grandes theologos de todas as Ordens religiosas.

N'este ponto, e ainda em outros muitos, erraram os jansenistas, inimigos encarniçados da Companhia de Jesus, bem como os protestantes. E', comtudo, certo que a doutrina dos augustinianos e thomistas, assim como a dos Jesuitas, sobre a predestinação e a graça, nunca foi condemnada pela Igreja; antes pelo contrario, é sustentada catholicamente.

Advertiremos finalmente que o Jesuita

Canaye, de quem nos temos occupado, nada escreveu sobre o assumpto.

CCLXXVI

### P. Leonardo Ximenes

Foi este Jesuita um dos mais notáveis mathematicos do seculo XVIII: como tal o enumera o Padre Berti, agustiniano, na sua *Historia Ecclesiastica*, que publicou em 1760, sendo vivo Leonardo Ximenes, cuja reputação já estava espalhada por todas as nações.

Teve elle por patria a cidade de Trapani, na Sicilia, no anno de 1716. Apenas havia concluido o tempo do seu noviciado na Ordem de Santo Ignacio quando ensinou bellas-lettras nos collegios de Florença e do Sena.

Estudou theologia em Roma, e, terminado o seu curso, foi chamado a Florença pelo marquez Riccardi, a fim de ensinar as mathematicas ao seu filho. O conde de Richecourt, governador da Toscana, o fez nomear professor de geographia no collegio de Florença e geographo do imperador. E ao mesmo tempo occupou o logar de mathematico do gran-duque Leopoldo.

Já se vê que o Jesuita Ximenes foi um sabio de grande reputação, procurado e consultado por todos, principalmente na Italia, em pontos de physica, geometria e mathematicas. Elle foi o oraculo das academias do Sena, Bolonha e S. Petersburgo. Foi elle que creou o observatorio de Florença.

Este illustre mathematico aos conhecimentos praticos relativos á hydraulica uniu as mais subtis e sublimes theorias fundadas em calculos. Ellas foram muito uteis ás regiões mais sujeitas aos estragos dos rios e das torrentes, como succede na Italia.

Depois da extincção da Companhia de Jesus, o P. Leonardo Ximenes fixou a sua residencia em Florença, onde continuou a ser estimado e consultado por varios monarchas e pelos mesmos homens sabios da Europa. Foi membro de muitas sociedades scientificas.

Morreu a 3 de maio de 1786, deixando um grande numero de obras que versam sobre mathematicas, sciencia em que foi eminente.

Farei notar que este e outros Jesuitas, que se occuparam de mathematicas e de outras sciencias profanas, não consideram estes trabalhos como uma occupação essencial, porque não foi para isto que se instituiu a Companhia, nem outra qualquer corporação religiosa. Elles só tem em vista o bem espirital, fazendo servir a esse fim as sciencias profanas.

Ao mesmo tempo que tratavam dos estudos humanos, os Jesuitas trabalhavam com zelo na salvação das almas,

na instrucção christã, na propagação da fé.

O P. Leonardo Ximenes era um sabio e um bom religioso.

(Continua.)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

## Moeda d'oiro portugueza

As primeiras que houve em Portugal foram chamadas:

*Morabitos* ou *maravedes*. Eram de D. Sancho I. Segundo o seu pezo, valiam 500 réis.

Tinham d'um lado a sua effigie a cavallo com a espada nua na mão, e em volta a lettra: *In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti*, e do outro o escudo do reino com: *Sancius Rex Portug.*; e, depois d'estes *maravedes*, vieram:

A *libra* de que faz menção Duarte Nunes na Chronica de D. Diniz e das Côrtes que D. Affonso III, seu pae, fez na cidade de Guimarães, em março de 1261, com o valor de 160 réis.

O *soldo*, que valia 320 réis.

A *dobra* ou *dobla*, moeda de varios cunhos e valores, como se vae ver. Havia *doblas portuguezas, castelhanas e barbariscas*, sendo que entre as lusitanas, umas se chamavam *cruzadas*, outras de D. Pedro, e que estas valiam 147 réis, e aquellas 270.

As *castelhanas*, umas se denominavam *valledias*, outras da *banda: valledias* porque valiam em Portugal; da *banda* porque eram de D. Affonso XI de Castella, que, tendo vencido a batalha do *Salado*, lhe tinha feito pôr d'um lado a *banda*, insignia da Ordem militar que instituiu. Tanto umas como outras, valiam 216 réis, tendo as *barbariscas* o valor das nossas *cruzadas* ou de 270 réis.

O *gentil*, moeda de D. Fernando, da qual havia tres especies: umas valiam 4,5 libras, ou 720 réis; outras, 3,5 ou 560; outras, 3 e cinco *soldos* de cobre ou perto de 490 réis.

O *escudo*, moeda d'oiro baixo com muita liga, mandada cunhar por D. Duarte. Cada 4 valiam um marco de prata, ou 15860 réis approximadamente.

A *corôa*, da qual houve duas especies: *corôas velhas* e *corôas de França*. Segundo a Ordenação de D. Manuel, valiam 216 réis; mas ha quem diga que no tempo d'este monarcha circulavam por 120, e que assim foram correndo até D. João III.

O *cruzado*, mandado bater por D. Affonso V, que era d'oiro de 24. Chamava-se *cruzado velho* ou de *cruzeta*, e tinha, d'um lado S. Jorge com a

lettra: *Adjutorium nostrum in nomine Domini*, e do outro o escudo real coroadado mettido na cruz d'Aviz, com estas palavras em volta: *Cruzatus Alphonsi Rex*, cujo nome Affonso lhe deu quando acceitou a *cruzada* para a guerra contra os turcos. A principio não chegavam a valer 400 réis, mas depois valeram 600, e ultimamente 640.

D. Manuel e D. João III tambem fizeram cunhar d'esta moeda.

O *justo*, que D. João II mandou fazer d'oiro de 22. Tinha d'um lado o retrato d'este rei armado com a espada na mão, sentado n'um throno entre dois ramos de palma, e em volta a lettra: *Justus ut palma florebit*, e do outro o escudo das Quinas do reino, já sem a commenda d'Aviz, com estas palavras á roda: *Joannes II Rex Portug. Alg. Dominus Guin.* Valiam 600 réis.

O *espadim* que, sendo do mesmo rei, tinha as mesmas insignias, differindo apenas na espada, que estava de ponta para cima. Era esta moeda de duas especies, valendo a principio: uns, 320 réis, outros 500.

O *calvario*, moeda de D. João III. Tinha d'um lado uma cruz comprida sobre um monte *calvario*, e na orla a lettra: *In hoc signo vinces*, e do outro o escudo real coroadado com isto em volta: *Joannes III Portug. et Alg. Rex D. Guin.*, valendo a principio 400 réis, e mais tarde 600.

As *peças* que andam na Carta do infante D. Pedro, Duque de Coimbra, das quaes se não sabe o valor.

O *S. Vicente*, tambem de D. João III, que pelo seu peso n'aquelle tempo, valia 105000 réis.

Tinha d'um lado a imagem de S. Vicente com uma nau na mão esquerda, e na dextra um ramo de palma, com esta lettra em volta: *Zelator Fidei us que ad mortem*, e do outro o escudo real com isto em torno: *Joannes III Rex Portug. et Alg.* Tambem havia meias d'estas lindas moedas com o valor de 55000 réis.

O *tostão*, moeda que D. Manuel mandou fazer em 1517, e que valia 68 a 70 réis.

O *quarto de cruzado*, que era do tamanho d'um *vintem*, obra do supradito rei D. Manuel, depois da morte da Rainha D. Maria sua esposa, cuja moeda elle costumava trazer n'algibeira, em quantidade, para distribuir aos pobres. Valia 100 réis.

A *moeda do engenhoso*, mandada bater por D. Sebastião em 1562. Tem d'um lado a cruz da Ordem de Christo com a lettra: *In hoc signo vinces*, e do outro o escudo real coroadado, e em volta estas palavras: *Sebastianus II Rex Portug.* Esta moeda foi assim cha-

mada por ter sahido perfeita devido á pericia d'um gravador conhecido pelo nome de *Engenhoso*, em virtude da sua rara habilidade.

Os *quatro cruzados d'ouro*, moeda que D. Philippe de Castella mandou fazer logo que entrou em Portugal, tendo pouco depois tomado o nome de *peso*, assim como as meias moedas e quartos d'este cunho o tomaram de *meio peso* e *quarto de peso*. Tinham d'um lado a cruz de S. Jorge com a letra: *In hoc signo vinces*, e do outro o nome d'este monarcha. Em 1642 circulavam com o valor de 2\$060 réis.

D'esta data em diante todos sabem que moedas tem havido, assim como o seu valor.

#### Moeda de prata portugueza

A mais antiga parece que são uns *fortes* e *meios fortes*, mandados fazer por D. Diniz. Tinham d'um lado a commenda de Christo com a letra: *Dionizius Rex Portug. et Alg.*, e do outro as armas do reino com esta legenda á roda: *Adjutorium nostrum in nomine Domini*. Valiam 40 réis, e os meios 20.

D. Fernando tambem teve d'isto com o mesmo valor a principio, vindo depois para 16.

E mais tarde houve:

Os *tornenses*, moeda de D. Pedro I. Tinham d'um lado a cabeça do rei com a letra: *Petrus Rex Portug. et Alg.*, e do outro o escudo real com umas palavras, cuja traducção dizia: *Ajudame, ó Deus, e faze-me excellente vencedor de meus inimigos*. Valiam 12 réis e 7 decimos; mas, pela prata que tinham deviam circular por uns 40 réis.

D. Fernando tambem cunhou d'esta moeda.

As *barbudas*, que são de D. Fernando. Eram de prata baixa, e do tamanho de *quatro vintens*. Tinham d'um lado uma *sellada* ou armadura da cabeça, e uma corôa e peito de malha com esta letra em torno: *Si Dominus adjutor, non timebo mala*, e do outro as armas reaes ao meio d'um escudo, e a cruz de Christo com 4 castellos nos 4 extremos, e esta legenda em volta: *Ferdinandus Rex Portug. et Alg.* Chamavam-se *barbudas*, porque assim se denominavam as *selladas* n'aquelle tempo. Valiam 36 réis.

Os *graves*, moeda do mesmo rei. Tinham d'um lado um F mettido n'um R grande que representava um escudo, cujas letras iniciavam nas palavras: *Rei Fernando*, tendo sobre o tal Rescudo uma corôa e uma cruz da milicia de Christo, com a letra: *Si Dominus mihi adjutor, non timebo mala*, e do outro uma outra cruz de S. Jorge mettida n'outro escudo que estava entre quatro castellos com esta legen-

da á roda: *Ferdinandus Rex Portug.* Valiam 21 réis.

Os *pilartes*, que eram do supradito rei. Ou D. Fernando lhe deu este nome por terem um *maço* que em latim se chama *pilum*, ou em memoria dos pagens que traziam as *selladas* ou *barbudas* dos soldados estrangeiros que o vieram ajudar, a que os francezes chamam *pilustras*, o que parece mais natural. Valiam estas taes *pilartes*, 13 réis.

Os *espadins*, moeda pouco menor que *dois vintens*. E' de D. Affonso v. Tinha d'um lado um braço com uma espada na mão de ponta para baixo, que era a insignia da *Ordem da Espada*, que o mesmo rei havia instituido, tendo em volta a letra: *Alphonsus Portug. et Alg. Rex*, e do outro o escudo real com isto á roda: *Adjutorium nostrum in nomine Domini*. Valiam 34 réis.

Houve outros prateados de João II que circulavam por uns 40 réis.

Os *vintens*, moeda do referido D. Affonso v. Tinham d'um lado um A grande gothico, inicial d'Affonso, e por cima uma corôa com esta legenda em volta: *Adjutorium nostrum in nomine Domini*, e do outro o escudo real com esta: *Alphonsus V Rex Portug.* Valiam 20 réis.

D. João II, D. Manuel, D. João III, e D. Sebastião, tambem cunharam d'isto com o mesmo valor, e *meios vintens* com metade.

Os *reaes de prata*, moeda de lei de 9 *dinheiros*. Eram d'Affonso I, quando ainda condestavel do reino. Diz a *Chronica* d'este venturoso rei que os povos o amavam a ponto de trazerem estas moedas ao pescoço, como reliquias de sanctos, affirmando que ellas preservavam de certas enfermidades. Do seu valor apenas se sabe que 62 pesavam um marco.

Depois de rei, mandou Affonso bater os primeiros *reaes brancos* de lei de 11 *dinheiros*, dos quaes 62 tambem prefaziavam um marco de prata.

Os *cinquillos*. Eram de D. João II. Cada um valia 10 réis.

Os *leaes*, moeda do mesmo rei, commemorando os que lhe foram *leaes* nos desgostos que soffreu por causa de seu cunhado D. Diogo, Duque de Vizeu. Valiam 12 réis.

Os *reaes ou dois vintens de prata*, moeda de D. João III. Têm d'um lado uma corôa, por baixo: *Joannes III*, mais abaixo XXXX, que querem dizer 40 réis, e em volta a letra: *Rex Portug. et Alg.*, e do outro uma cruz de S. Jorge com esta legenda: *In hoc signo vinces*.

Os *quatro vintens*. São do mesmo rei Têm d'um lado uma corôa, por baixo: *Joannes III*, e mais abaixo o

L XXX, que querem dizer 80 réis, tendo em volta a letra: *Rex Portug. et Alg. D. Guin.*, que significa: *Rei de Portugal e Algarve, senhor da Guiné*. D. Affonso v tambem fez d'esta moeda com as mesmas dimensões, mas mais delgada. Tinha d'um lado o escudo real com a cruz d'Aviz, e á roda a letra: *Alphonsus Dei Grat. Rex Portug.*

Os *indios*, moeda de prata da lei de 11 *dinheiros*. São de D. Manuel: cada 60 pesavam um marco; e, pelo que então valia o marco, cabia a cada um o valor de 31 réis. Tinham d'um lado a mesma cruz e letra dos *portuguezes*, e do outro: *Primus Emmanuel*.

Os *portuguezes*. São do referido rei D. Manuel. Têm os mesmos cunhos e letra dos *portuguezes* d'ouro; mas d'estes fez el-rei cunhar *meios* e *quartos* com o valor correspondente ao todo que era de 400 réis.

Os *tostões*, moeda do mesmo rei D. Manuel. Tinham d'um lado a cruz da milicia de Christo, com esta letra: *In hoc signo vinces*, e do outro o escudo real coroado com o seu nome em volta. Valiam 100 réis.

Tambem tinha *meios tostões*. Deram-lhe este nome por se parecerem com umas moedas de prata francezas d'egual pezo e valor, aonde se viam as cabeças dos principes que as tinham feito cunhar, o que na lingua dos gallos se chama *toste*: e d'aqui a nossa palavra *tostão*.

Além d'estas moedas houve o  
*cruzado novo* que valia, réis 480  
 Os *doze vintens*, que valiam, » 240  
 Os *seis vintens*, que valiam, » 120  
 Os *tres vintens*, que valiam, » 60

#### Moeda de cobre portugueza

*Mealha*. Era um pedaço de cobre partido a meio: cada metade tinha o nome de *mealha*: e d'aqui a palavra *mealheiro*. Valia *meio ce ti'*, sendo estes a 6 ao real.

*Alphonsus*, moeda de D. Affonso IV. Tinha d'um lado a effigie do rei, e do outro o escudo real. Valiam pouco mais d'um real

*Cetil*. Era de D. João II, que a mandou fazer para commemorar a cidade de Ceuta que o mesmo rei tomara aos moiros em 1415. Cada 6 valiam um real: e seus successores os foram fazendo cunhar até D. Sebastião.

*Patacão*, moeda de D. João III. Tinha d'um lado o escudo real coroado com a letra: *Joan. III Portug et Aly. Rex*, e do outro um X que indicava o seu valor de 10 réis. Deu-se-lhe este nome pela semelhança que tinha com os *patações* de prata castelhanos. D. Sebastião, ou porque lhe *sympathizasse* com o nome, ou por qualquer outro mo-

tivo, lhe reduziu o valor á *expressão mais simples de 3 réis*

*Real branco*, moeda de cobre e estanho de que houve quatro especies. Os primeiros que valiam *10 ceitis e 4 decimos*, eram de D. Duarte; os segundos, com o mesmo valor, mas com menos pezo, (do mal o menos), eram de D. Affonso V, que os fizera cunhar em 1446; os terceiros e quartos eram tambem d'Affonso V, datados de 1453 e 1462, todos com o mesmo valor, mas cada vez com menos pezo, até que em 1473, nas Cortes d'Evora, lhe foi reduzido o preço relativamente ao pezo de cada um, sendo que os primeiros ficaram valendo *18 pretos ou 10 ceitis e 3 quartos*; os segundos *14 pretos ou 1 real, 2 ceitis e 2 quintos*; os terceiros, *12 pretos ou 7 ceitis e 1 quarto*; os quartos, *10 pretos e 6 ceitis*. Bem empregado tempo!

*Real preto*, moeda de cobre, assim chamada pela differença que tinha, na côr, do *real branco* que era cobre e estanho. Houve tambem 4 especies d'elles. Os primeiros valiam *1 ceitil e 4/5 oitavos* de; os segundos, *4/5 de ceitil e 2 oitavos* de; os terceiros, *3/5 de ceitil e 6/5 oitavos* de; os quartos, *3/4 de ceitil*.

*Real*. Era de D. João II, que o fez cunhar para acabar com o embarço dos *reaes pretos*. (Para grandes males, grandes remedios!) El-Rei D. Manuel e seu filho João III tambem mandaram fazer d'esta moeda. Tinha d'um lado um R grande com uma corôa em cima, e do outro o escudo real com esta lettra em torno: *Emmanuel Rex Portug. D. Guin.*

Os de D. João III apenas teem o seu nome. D. Sebastião tambem mandou *fabricar d'isto, e meios* com o valor de *3 ceitis*, sendo que tudo passava por dinheiro como gato por lebre! Tinham d'um lado um R com uma corôa em cima, e do outro: *Sebastianus*. Tanto uns como outros valiam *1 real ou 6 ceitis*.

*Ral e meio*, moeda de D. João III. Tinham um V d'um lado para indicar o valor de *5 réis* porque a principio circulavam; mas lá vem D. Sebastião que os reduz a *9 ceitis* ou ao *real e meio* que pezavam. A Cezar o que é de Cezar!

*Soldo*. Era uma moeda de *10 ceitis e 4/5*. E' este o dinheiro que mais se vê nas escripturas até D. Duarte. Além d'estes *soldos* parece que houve mais duas especies d'elles: uns que valiam *1 real ou 6 ceitis*, para parecer mais; outros que valiam *2/5 e 1/20 de real*.

*Dinheiro*. Até D. João II valiam cada *12 um soldo*, mas o seu pezo não chegava a *1 ceitil*: e outros houve que apenas valiam *meio*, ou cada *duzia 1 real*.

Pelo que dicto fica se vê que, desde Affonso Henriques até Affonso IV, não

houve alteraçãõ nos valores nem nos nomes das moedas do reino; mas que, desde então para cá, tem sido o que acabamos de vêr.

**Resumo do valor das moedas d'ouro**

<i>Marabitos</i> ou <i>Maravades</i> , valiam, réis.....	500
<i>Libras</i> .....	160
<i>Soldos</i> .....	320
<i>Dobras</i> ou <i>doblas</i> , 147, 216 e parecendo ter havido outras de <i>Gentis</i> , réis 490, 560 e.....	270 720 720
<i>Escudos</i> . Eram d'ouro baixo, e por isso 4 valiam 1 marco de prata, ou réis.....	15860
<i>Corôas</i> , 120 e.....	216
<i>Cruzados</i> , 400 réis, 600 e....	640
<i>Justos</i> .....	600
<i>Espadins</i> , 320 e.....	500
<i>Culvarios</i> , 400 e.....	600
<i>Pegus</i> . Na carta de D. Pedro, Duque de Coimbra, não se falla do s.u valor.	
<i>S. Vicentes</i> , réis.....	105000
<i>Meios</i> .....	55000
<i>Tostões</i> .....	100
<i>Quarto de cruzado</i> .....	100
<i>Moeda do engenhoso</i> .....	500
<i>Quatro cruzados</i> . Em 1642 valiam.....	25060

**Resumo do valor das moedas de prata**

<i>Fortes</i> . Circulavam por.....	040
Houve outros que por fim valiam.....	032
E <i>meios fortes</i> .....	016
<i>Tornenses</i> . Corriam por <i>12 réis e 1/40</i> , mas pelo pezo valiam	040
<i>Barbudus</i> ..	036
<i>Graves</i> .....	021
<i>Pilartes</i> .....	013
<i>Espadins</i> .....	040
<i>Vintens</i> .....	020
<i>Real de prata</i> , (52 um marco), ou.....	030
<i>Cinquilhos</i> .....	010
<i>Leaes</i> .....	012
<i>Dois vintens</i> ou <i>do's reaes</i> ....	040
<i>Quatro vintens</i> .....	080
<i>Índios</i> .....	031
<i>Portuguezes</i> .....	400
<i>Tostões</i> .....	100
<i>Meio tostões</i> .....	050

**Resumo do valor das moedas de cobre**

<i>Mealha</i> . Valia <i>meio ceitil</i> , sendo estes a <i>6 ao real</i> .
<i>Alphonsus</i> . Valiam pouco mais de <i>1 real</i> .
<i>Dinheiro</i> . Até D. João I cada <i>duzia</i> valia <i>1 soldo</i> ; mas o seu valor não chegava a <i>1 ceitil</i> : e outros houve que apenas valiam <i>meio</i> , ou cada <i>12 um real</i> .
<i>Ceitil</i> . Valia a <i>6.ª parte de 1 real</i> .

*Real*. Valia *6 ceitis*: e outros houve de *3*, que é *meio real*.

*Real branco*. Valia *10 ceitis e 4/5*; porém outros houve de menos valor.

*Real preto*. Valia *1 ceitil e 4/5 oitavos*.

*Real e meio*. A principio corriam por *5 réis*; mas depois pelo seu valor, *9 ceitis*.

*Soldo*. Valia *10 ceitis e 4 quintos*.

*Libra de 10 soldos*. Valia a decima parte da libra antiga de *26 réis e meio e 3 quintos*.

Dez *soldos* perfaziam esta *libra*.

*Libra de 3,5 libras*. Valia *real e meio, 1 ceitil e quatro quintos*.

*Libra de 10 libras pequenas*. Valia *real e meio e 6 setimos de ceitil*.

*Patacão*. Valia *10 réis*; mas D. Sebastião lhe reduziu o valor a *3 réis*.

Nunca pozemos penna em coisa tão ingloria, mas como o curioso suppre o aborrecido, para ali fica. E ainda ha quem pragueje contra a moeda hoje, apezar das *interessantes* cedulas de 100 e 50 réis!

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO CRITICA

O egoismo de mãos dadas com o scepticismo

QUERENDO a reacção catholica combater o erro revolucionario e ao mesmo tempo curar as ruinas que elle tem produzido no edificio social, para isso precisa ella ir direita á origem do mal, para ali estirpal-o radicalmente.

Nós, como um dos mais humildes e mais obscuros cooperadores d'essa grande obra, vamos, por nossa conta e risco, procurar os meios d'attingir esse grande desideratum.

Segundo as nossas ideias, toda a corrupção provem do egoismo das classes directoras, e do scepticismo que domina nos homens, que nos teem governado desde 1834, e já antes d'essa epocha. Com isto não queremos dizer que todos os que teem dirigido os negocios publicos, durante este largo periodo, sejam scepticos, pois nós mesmos damos testemunho da religiosidade e pureza de fé de muitos d'elles; por exemplo, o nosso contemporaneo, Martins Ferrão, cujos sentimentos religiosos foram sempre puros e sinceros, o conselheiro Barros Gomes, etc.

Mas não nos enganaremos muito se affirmarmos que a grande maioria dos nossos estadistas, parlamentares e empregados superiores, se não são atheus procedem, pouco mais ou menos, como

se o fossem; de religião pouco ou nada se importam. Nós mesmos damos testemunho pessoal de factos d'esta ordem: quando temos estado em Lisboa e nos tem acontecido estar, em dias sanctificados, em casa d'alguns amigos nossos, certos funcionarios d'Estado, e quando chegadas as horas d'ir á missa, nos despedimos dizendo que nos retiramos para ir dar satisfação ao preceito da missa, elles principiam a chacotear dizendo: tu ainda és d'esse tempo... Parece impossivel que tendo alguma illustração, acredites em taes coisas! E assim por deante... O certo é que, quando nós reagimos indignados contra tal descrença, elles veem ás boas, e depois dizem: tens razão, mas os erros da curia romana e a ambição dos Padres é que teem feito descreer da religião. E outras baboseiras d'egual juizo.

A isto costumamos responder, pouco mais ou menos, com as seguintes razões: Eu não tenho responsabilidade alguma dos actos legaes ou abusivos da curia romana, nem tão pouco com os abusos dos padres; com o que tenho tudo, é com os meus deveres para com Deus, a quem se deve amor filial, respeito e temor por ser Elle quem é, nosso creador, nosso remunerador e nosso Salvador; e pelos abusos da curia, se é que teem existido, e pelas iniquidades e fraquezas ou crimes dos Padres, serão elles que darão conta perante a justiça divina. O caso é, que a maldade e os abusos dos Padres, por maiores e mais escandalosos que sejam, não justificam de forma alguma a falta, da nossa parte, ao cumprimento dos deveres religiosos. O christão satisfaz completamente ao seu dever religioso ouvindo a missa d'um Padre virtuoso ou a d'um Padre devasso; e pelo facto dos Padres terem defeitos, nem por isso eu deixo de ter obrigação de me confessar, ouvir missa, etc. Ha um adagio popular que diz: cada cereja por seu pé prende.

Ora pois, a primeira coisa para que nós deviamos attender era para que os logares publicos fossem unicamente providos em homens tementes a Deus e virtuosos, principalmente os ministros; nem isso é offensivo aos bons principios sociologicos; porque nem a liberdade de pensar nem a tolerancia religiosa são principios absolutos: ha um unico principio absoluto, que é a lei de Deus, a que tudo está sujeito.

Portanto, ninguem tem direito a recusar a Deus o temor, o amor e o respeito que lhe é devido; assim ninguem tem obrigação de respeitar a liberdade do homem que quer ser impio á sua vontade. Portanto, o Estado não faz agravo algum em excluir das funcções publicas os homens impios e atheus; pois que sendo a religião a base funda-

mental da estabilidade social, e sendo os homens inimigos da religião os factores e perturbadores da paz e ordem publica, e como é a conservação da ordem publica o primeiro dever do Estado, segue-se que o Estado tem todo o direito de destruir esses obstaculos e mandal-os cabar pés de burro! N'este caso está um tal Dr. Theophile Braga, que está com o seu halito pestilento envenenando a juventude.

PLACIDO DE VASCONCELLOS MAIA.

## O orgulho

(AO MEU AMIGO A. ALMEIDA XAVIER)

*Uesquequo gravi corde diligitis vanitatem, et quaeritis mendacium?*

*Ps. IV. v. 3*

**H**A uma verdade incontestavel, uma verdade cuja evidencia é, para assim dizer mais refulgente, mais scintillante que o astro brilhante do dia quando desponta n'uma manhã diaphana d'estio, que, a despeito da sua clareza, é quasi constantemente olvidada pela maior parte do genero humano.

E na verdade essa triste verdade, cujo objecto faz atufar a lastimavel humanidade no pelago immundo e asqueroso da luxuria, pizar o terreno agro, pedregoso e ouriçado d'espinhos do erro e enterrar-se no ataque miasmatico do vicio onde periclita a sua salvação, que deve seguir-se ao estalar dos elos da existencia mundana, consiste na fraqueza, na pequenez, na fragilidade que constitue um dos apanagios da natureza humana.

Esta fragilidade resalta aos olhos do pensador menos profundo e mais superficial e a sua evidencia occupar-lhe-lia a memoria nos actos da vida humana que requerem, para serem conformes com a vontade divina, a sua evocação, todas as vezes que se encontra animado de boas intenções, despreocupado de prevenções funestas e desassombrado de paixões mesquinhas que não só lhe empanam o brilho da verdade, mas ainda lhe desviam o passo do seu encontro, impedindo-lhe de exclamar como Archimedes ao sahir do banho: *Eureka!*

E qual o motivo particular que faz obscurecer essa verdade de si tão evidente?

Antes de responder categoricamente como pretendo, façamos, leitor, se te agrada, uma pequena excursão pela Historia sagrada, esse campo de verdades onde por mais que se passeie, nunca um novo passeio é inutil e façamos algumas considerações que, pos-

to consideral as sabidas, não acho com-tudo desconveniente fazel-as por prepararem a resposta.

Depois de Deus haver creado a terra, a luz, o sol, as estrellas, os animaes, as plantas, e, n'uma palavra, tudo o que precedeu a apparição do genero humano sobre a terra, creou tambem o homem á sua imagem e simillhança, dotado d'uma alma racional e vivificante pelo papel que tinha a desempenhar para com o seu involucro material, chamado corpo.

Depois de creado, installou-o n'um jardim de delicias, que havia plantado para habitação do homem. Ali gosava elle da immortalidade, da isempção de dôres, angustias e tormentos que hoje tanto torturam a raça humana, e d'outros dons praeternaturaes que Deus lhe havia prodigalisado, além da graça primitiva com que Deus o locupletou para lhe vigorisar a razão que, para conservar as dadivas praeter e sobrenaturaes que tinha recebido de Deus, constantemente tinha de impôr ás forças inferiores ou paixões inherentes á natureza humana.

Esses instinctos orientados por uma intelligencia lucida e potente, graças ao auxilio sobrenatural, de que o pae do genero humano gosava, collaboravam com as forças superiores apenas no bem, unico campo d'acção traçado por Deus ao homem.

Era uma vida feliz, uma vida recheiada d'encantos a que aguardava os habitantes do Eden.

O Demonio, porém, que, havia talvez milhões d'annos, se debatia nas chammas perpetuas do Averno, invejando-lhes o seu bem-estar, projectou e conseguiu pôr-lhe um dique; aconselhando a Eva a desobediencia ao preceito, de todos conhecido do Eterno, pela qual subiriam á categoria altanada de Deuses.

Desde então as paixões condemnaveis e os instinctos depravados levantaram o lábaro purpurino da revolta e pozeram-se em campo contra as forças superiores, levando-as de vencida na maior parte dos ataques que lhes dirigiram.

A concupiscencia desenfreada, a sensualidade, a ira, a colera, a soberba, o orgulho, os máos desejos, os máos pensamentos coroados com as más obras, succederam á vida pura, santa e innocente que precedeu a desobediencia.

N'um momento o homem foi apeado das culminancias da felicidade para o abysmo repugnante da desgraça; do vergel balsamico da virtude para o barranco fetido do vicio; das regiões viçosas da verdade para os matagaes torturantes do erro! N'um instante a aureola rutilante da innocencia deixou de lhe adornar a nivea-



SANTA IGNEZ, VIRGEM E MARTYR

fronte e o abominavel ferrete da infamia appareceu-lhe entalhado na testa já tostada pelo estuante calor da desdita. De repente, a vasta seara de nobres aspirações que lhe havia vegetado verdejante de seiva no terreno, a principio fecundo do seu coração, foi substituida, horrivel! pelos espinheiros das paixões virulentas que d'ahi para o futuro lhe lancinaram a existencia. D'entre essas paixões envenenadas, d'entre essas aspirações reprováveis que se manifestaram durante a preparação e depois do peccado original que nos fazem despenhar no chaos temeroso do infortunio, qual escolheremos para respondermos á pergunta que acima fica formulada?

O orgulho.

O orgulho é essa nuvem densa, plumbea que obscurece a claridade da nossa pequenez. Quando vegeta tumido de seiva em nosso espirito e nos orienta e dirige no decurso da vida, arrasta-nos implacavelmente e a cada momento ao barranco do erro, do vicio e de todos

os escolhos que nos tolhem o ingresso na patria celestial.

Quindando, como n'um aerostato, aquelle que por elle, inerte, se deixa arpoar, aos paramos phantasticos de uma alta posição tanto nas sciencias como nas letras, e exagerando-lhe a sua superioridade em qualquer condição social que se encontre, torna-o um tyranno para os inferiores em que o orgulhoso não vê seus irmãos em Jesus Christo, mas simples parias e escravos sobre quem faz pesar o jugo ferreo da sua tyrannia; trata os eguaes com desprezo por se julgar ainda um tanto superior e odeia os superiores que considera tyrannos, esforçando-se a cada passo por lhes fugir á obediencia devida; critica-lhes os seus actos e insulta-os, pelo menos na ausencia, com as suas diatribes mordazes.

Quanto á religião, despreza-a, considerando-a uma tradição caduca e incompativel com o progresso da civilização, desprezo em que vê um *point d'honneur*, como diz Bergier.

Ouvi o orgulhoso que adquiriu varios conhecimentos mas não com o desassombro que deve acompanhar o investigador imparcial da verdade, ouvi-o fallar da religião: uma fôrma esmerilhada, encantos rhetoricos, metaphoras seductoras, phrases acepilhadas e termos repolhudos não faltam nos seus discursos proferidos com a emphase da vaidade; mas, attendendo ao fundo, ás ideias, só vemos blasphemias ou ataques imprudentes ás instituições catholicas e a tudo que tem resabos de religião. Promptos a imitar Laplace quando exclamava que podia formar a sua *Mechanica celeste* sem sequer lhe ser preciso suppôr a existencia de Deus, e nunca a seguirem Newton que tirava reverente o chapéo da cabeça todas as vezes que pronunciava o santo nome de Deus. Paremos agora na estrada do raciocinio e sigamos a auctoridade: vejamos o retrato de S. Bernardo, o grande Mestre do XII seculo, tirou do orgulhoso. Diz elle:

«O orgulhoso tem a voz imperiosa e

o silencio carrancudo; é dissoluto no goso, furibundo na tristeza, deshonesto no intimo, honesto no exterior; no andar é rude, nas respostas agro; sempre rijo no ataque e molle na defeza; cede com enfado e impostura para obter; não faz o que póde nem o que deve fazer; mas está prompto a fazer o que não deve e o que não póde» (De *Morib.* liv. 34, cap. 16).

Á vista das pessimas consequencias que derivam do orgulho, devemos afugental-o com o exorcismo da meditação, da humildade de Christo a ponto de, sendo Deus, se fazer homem; e na de muitos santos como Santo Deodoro que ordenou escrevessem sobre a sua sepultura esta unica palavra: *Acarus*, que significa verme da terra; de S. Terencio que pediu lhe entalhassem na lapide sepulcral o signal que costumavam pôr nas sepulturas dos parricidas para que quem passasse lhe cuspiisse no tumulo.

MENDES ROSA.

## SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

### Actos da Santa Sé

#### Lettras testemunhaes para Ordens

**B**ENDO o Ex.<sup>mo</sup> Bispo de Urgel posto á Sagrada Congregação do Concilio algumas Duvidas relativas á applicação da decisão d'esta Congregação de 8. de setembro de 1893, na qual se determina a todos os Ordinarios serem necessarias em todos os casos Lettras testemunhaes do Ordinario do logar, onde um ordinando se tiver demorado pelo espaço de 3 mezes, para que o Prelado proprio o posso ordenar; (Acta S. Sedis, vol. 26, pag. 428) a mesma S. Congregação, a 26 de janeiro de 1895, houve por bem responder:

«Para a ordenação dos clerigos mesmo já alistados na vida militar, requebrem-se, sob a pena comminada pela Const. Apost. Sedis (suspensão de dar ordens durante um anno), Lettras testemunhaes do Ordinario, em cuja diocese tiverem estado durante um trimestre; e quando as Lettras d'este Ordinario não derem pleno testemunho, isto é, disserem que nada consta nem de bem nem de mal a respeito do ordinando, o Bispo providenciará pelo juramento chamado suppletorio ou suplementar, obtendo para isso licença da Santa Sé (para evitar a suspensão comminada na Bulla Apostolicae Sedis)».

(Acta S. Sedis, vol. 28, p. 45 a 50).

\*

#### Entoações do «Gloria», do «Credo», etc.

Perguntaram á Sagrada Congregação dos Ritos:—se as entoações do Hymno angelico e do Symbolo, bem como cada uma das modulações executadas pelo celebrante na Missa cantada, isto é, as modulações das Orações, do Prefacio, da Oração Dominical, com as respectivas respostas pertencentes ao côro, devem, por preceito, ser cantadas como estão no Missal, — ou se podem ser variadas segundo o costume d'algumas egrejs.

A mesma S. Congregação, ouvido o parecer da Commissão Liturgica, depois de ter examinado maduramente esta questão, respondeu: «A' primeira parte - *affirmative*; á segunda *negative*; devendo eliminar-se todo e qualquer costume em contrario, segundo o disposto no Decreto de 21 de abril de 1873.

Assim respondeu e mandou observar em 14 de março de 1896.

C. *Cardeal Aloisi-Masella*, S. R. C. Prefeito.

*Luiz Tripepi*, S. R. C. Secretario.  
(Acta S. Sedis, vol. 28, pag. 565).

## SECÇÃO LITTERARIA

### DESIGUALDADE

«Liberdade, liberdade!»  
Eil-o grito da licença  
Que a mil torpezas proponsa  
Prop:la a barbaridade!

«Igualdade até mais não!»  
Eil-o grito da anarchia  
Que no oiro e na orgia  
Fartar quer sua ambição!

«Fraternidade!» Eil-o grito  
Dos Cains da nossa idade  
Que, a cuspir ferocidade,  
O dicto dão... por não dicto!

Mas viva a deusa Razão!  
Liberdade? de forçado  
Igualdade? de altanado,  
Fraternidade?... de cão!...

E se alguém duvida d'isto,  
Não é a esposa bemdicta,  
A doce escrava convicta  
Que ama o esposo, adora Christo.

Mas não cuides, ó belleza,  
Que o desmando te tolero;  
Pois no que digo só quero  
Prasmar do home a torpeza!

Na lei que ao homem faculta  
O viver com mil amantes,  
Mora a que a esposas constantes,  
Além de roubar... insulta.....

O homem faz o que quer,  
A casta esposa, o que deve:  
E quando alguma se atreve...  
E' infame... essa mulher!

Mas qual será o motivo  
Porque sendo elle um devasso,  
A não deixa arredar passo,  
Sempre torpe e sempre altivo?

O motivo, ó populaça,  
A razão, ó grandes vandalos,  
Vae no livre dos escandalos  
Que ullulam de praça' em praça!

A razão vae na licença  
Da raza prostituição  
Em que chafurda a nação  
Que aos povos arranca a crença! ..

Liberdades que escravizam,  
Igualdades que corrompem,  
Fraternidades que rompem,  
São coisas que brutalizam!

Mas se um dia a Liberdade  
Punir a depravação  
Sem nenhuma distincção,  
Será bemdicta a Trindade!

ALVES D'ALMEIDA.

### O HOMEM SÓ

Não ha phantasmas que me ponham medo,  
Punhaes nem facas que tremer me façam;  
A'lem das forças que alardeia a tredo,  
As forças minhas fronte a fronte passam!

Venha o gigante Samsão,  
Venha a queixada do burro...  
E v'rão que ao primeiro murro  
Estiro tudo no chão.....

Bebendo o sangue do maior nefario,  
Estatua muda arrostarei o p'rigo;  
E sempre errante, imparcial sicario,  
Na dura terra... não terei jazigo!

Achei-me no mundo só,  
Nem pae nem mãe conheci:  
Ninguem de mim teve dó,  
Todo o mundo aborreci.....

Os homens tremem de mim,  
De mim treme todo o mal...  
Que de meu sangue o carmim  
Na terra não tem rival.....

Que são meiguices, que serão ternuras,  
Affagos, sonhos, cellcaes fulgores?  
Que são caricias, que serão venturas,  
Affectos, risos, divinaes amores?...



O mundo dil-os de fulgente alvura,  
De etherea fronte, de subido apreço;  
Mas eu não sei se sobre a terra dura  
Tacs graças fulgem, porque as não conheço.

Sou do mal o mal não sinto,  
Sou mais feliz que ninguém:  
Não infesta o meu recinto  
A bilis que o mundo tem...

O mal, o bem, a desventura, a dicta,  
São bagatellas que não tive em sorte:  
Tão grande sou na perennal desdicta,  
Que a propria morte de mim teme a mortel

ALVES D'ALMEIDA.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Helcias acha um livro da lei

(Vid. pag. 13)

**A** DESCRIÇÃO d'esta gravura encontram-na os leitores na pagina 275, de 15 de dezembro do anno passado, quando nos occupamos de Josias. Ahi se diz que, quando se estava tirando do thesouro do templo o dinheiro que lá tinha sido depositado, o pontifice Helcias achou um livro da lei escripto todo pela mão de Moysés, e que esse livro era o exemplar authenticico do *Deuteronomio*. E continúa a narrar-se o que succedeu depois do achado d'esse precioso livro.

\*  
\* \*

### Santa Ignez, Virgem e Martyr

(Vid. pag. 19)

A santa heroína de que hoje nos vamos occupar nasceu, nos fins do terceiro seculo, em Roma. Seus paes eram nobres, ricos e virtuosos.

Aos treze annos, segundo narra o Padre João Croiset, a sua belleza e real merito faziam grande ruido na côrte.

Viu-a um dia por acaso Procopio, filho de Symphronio, governador de Roma, e ficou tão cegamente enamorado d'ella, que resolveu tomal-a por esposa.

Symphronio, informado da qualidade e das notaveis prendas da donzella, approvou vivamente o pensamento de seu filho; mas era necessario agora o consentimento de Ignez.

O primeiro passo que deu Procopio, foi enviar-lhe um rico presente, declarando ao mesmo tempo o fim dos seus honestos desejos. Ignez não o acceitou, e devolveu-o ao moço, cuja enamorada paixão mais augmentou com esta recusa.

Serviu-se Procopio de quantos artificios pôde para a conquistar: promessas, rogos, ameaças, tudo empregou; mas inutilmente. O ultimo recurso de que se valeu foi procurar meio de lhe fallar elle mesmo, confiando em que afinal a santa menina se renderia ás suas ternuras. Porém tudo quanto pôde suggerir uma paixão cega, vehemente e persuasiva, só lhe serviu para o enganar de inefficacia dos seus maiores esforços; porque Ignez, animada d'um espirito e d'uma firmeza mui superior aos seus annos, lhe disse resoluta: Aparta-te de mim, aguilhão do peccado, tentador opportuno, emissario do principe das trevas. Não te cances em aspirar á mão d'uma donzella que já está promettida a um Esposo immortal, unico Senhor de todo o universo, e que só dispensa os seus beneficios ás virgens puras e castas.

Uma resolução tão magestosa, e uma resposta tão desenganada quanto imprevista, encheu Procopio de desespero e raiva.

Incendida furiosamente a sua paixão, deixou-se possuir d'uma cruel melancolia, que o lancinava, e não menos a seu pae, de quem era amado em extremo. Symphronio resolveu então valer-se da sua auctoridade para conseguir o beneplacito dos paes de Ignez, e o consentimento da filha. Chamou-a a sua casa; e tendo-a recebido com toda a attenção correspondente á condição e merecimentos da virtuosa menina, disse-lhe:

—Não ignorarás, por certo, o fim para que te mandei chamar. Meu filho deseja apaixonadamente ser ditoso, merecendo a tua mão. A tua nobreza e as informações que tenho das tuas excellentes qualidades, levam-me a approuvar gostoso a sua acertada escolha. Parece-me que não poderás aspirar a melhor partido; e não creio que sejas tão inimiga de ti mesmo que não abraçes immediatamente esta proposta.

Ignez, a quem o céo dotára d'uma prudencia e discreção superior aos seus poucos annos, respondeu com ar modesto, mas resolutivo: Que conhecia bem a grande honra e a muita mercê que se lhe fazia em pensar n'ella; porém que já tinha escolhido Esposo muito mais nobre e rico do que Procopio. Que na verdade as riquezas de tal Esposo não eram d'este mundo, mas que por isso mesmo eram mais preciosas; e que a virgindade, que ella presava mais do que todas as coroas do universo, era o unico dote que o seu divino Esposo lhe pedia.

Ficou Symphronio confuso, mostrando não entender quem seria aquelle Esposo de que Ignez fallava. Um cavalheiro que estava presente, explicou: Senhor, esta donzella é christã, e foi

creada desde o berço nas extravagancias da sua seita: não duvideis, pois, que esse Esposo divino de que ella fala, é o Deus dos christãos.

Então o governador, mudando de tom e de maneiras, replicou a Ignez:

—Comprehendo agora o que é que te ha transtornado a razão, e allucinado o espirito. Deixa-te, minha filha, deixa-te d'essas frivolas ideias de virgindade; deixa-te d'essas phantasmasgorias supersticiosas com que a tua seita enche a cabeça dos que a seguem. Sejam os nossos deuses d'hoje em diante o unico objecto dos teus cultos; sejam as suas maximas a regra do teu procedimento e do teu pensar. Não faças obstinação de cegueira; mette em casa o bom dia, e lembra-te de que virás a occupar uma posição brilhante na capital do mundo, e farás ditosos todos os da tua casa. E agora — perorou impetuoso e severo — só tens vinte e quatro horas de praso para te decidires: escolhe, ou ser a primeira dama de Roma, ou expirar infamemente nos mais crueis tormentos.

—Senhor, obtemperou Ignez, não preciso de tanto tempo para me determinar, porque o meu partido está tomado: desde já vos declaro que não admittirei jamais outro esposo senão a Jesus Christo; assim como nunca reconhecerei nem reconhecerei outro Deus a não ser o Soberano Creador do Ceo e da terra. Muito me admiro que tenhaes coragem para propor a uma pessoa razoavel que adore uns deuses de pau e de pedra. Não julgueis apavorar-me com a ameaça dos maiores supplicios; porque se reconheço em mim alguma ambição, é unicamente ajuntar a coroa do martyrio á da virgindade. Menina sou, e sou fraca; porém confio na graça do meu Senhor Jesus Christo, que me dará forças para morrer pelo seu amor.

Estas animosas palavras aturdiram Symphronio; mas repesando um pouco a raiva que lhe estuava lá dentro, o governador quiz fazer a ultima tentativa. Como a Santa mostrava tanto amor á virgindade, pareceu-lhe que nada a intimidaria tanto como ameaçal-a de fazer com que fosse violada a sua inteireza; e porisso replicou:

—Escolhe uma de duas: ou casar com Procopio, ou ser deshonrada em um logar infame, antes de expirares nos tormentos. Que respondes?

—Toda a minha confiança está posta no meu divino Esposo Jesus Christo, respondeu a Santa. Elle é bastante poderoso para me livrar das tuas violencias; e tão cioso é da pureza das suas esposas, que não permittirá que as despojem d'um thesoiro que dimana d'elle, e está debaixo da sua custodia. Os vossos deuses hediondos e malvados inspiram-vos similhantes infamias; po-

rém o Deus de pureza, a quem eu sirvo, saberá livrar-me dos vossos impios intentos.

Symphronio, espumando de colera e de furor, ordenou que immediatamente carregassem de cadeias aquella tenra donzellinha. Trouxeram logo os ministros grossas algemas, golilhas, grilhões, que só o vel-os fazia estremecer; porém Ignez não mudou de côr nem de linguagem em presença dos verdugos e dos instrumentos. Ficou tranquilla em meio d'este funesto aparato; e opprimida com o peso das cadeias, estava livre, porque aquelles ferros não se fizeram para tão pequeno corpinho.

Todos os circumstantes ficaram commovidos: os proprios pagãos não podiam conter as lagrimas; só Ignez estava alegre sob o peso d'aquelles ferros.

Arrastaram-na até aos altares, afim de que ella incensasse aos idolos; porém esta violencia não serviu senão para Ignez confessar mais publicamente, na presença de maior concurso de pessoas, a sua ardente fé em Jesus Christo. Fizeram-lhe mover a mão á força; mas a santa menina aproveitou esta breve liberdade de movimentos para fazer o signal da cruz, levantando, por assim dizer, este trophéu sagrado nos proprios altares do demonio.

Symphronio, confundido assim com a serenidade e constancia d'aquella donzellinha, estava no auge da colera. Crendo, e com razão, que o logar infame das mulheres perdidas lhe causaria mais horror do que a propria morte, fel-a conduzir a um lupanar: mas eis que um anjo a defende, e uma luz celeste, desprendendo-se do alto, converte aquelle hediondo logar em oratorio, que a ditosa menina santifica por meio das orações e dos seus votos.

Ninguém ousa transpor o umbral; só Procopio, allucinado pela paixão e pela colera, se atreve a entrar com resolução de profanal-o; mas no mesmo instante róla morto aos pés da Santa.

Um caso tão espantoso enchen a todos de consternação e assombro.

O governador, traspassado da mais profunda e viva magoa pela morte do filho, mudou as bravatas em supplicas e rogos, e implorou de Ignez que resuscitasse Procopio. Ergueu a santa menina os olhos e as mãos para o céu, e no mesmo instante devolveu á vida o infeliz, e agora ditoso mancebo; — agora ditoso, porque eil-o publicando em alta voz que todos os deuses dos gentios eram vãos e chimericos, e que não havia outro verdadeiro Deus senão o que adoravam os christãos.

Tão evidente milagre interessava muito o governador, para que elle se não tornasse favoravel a Santa Ignez; porém os sacerdotes dos idolos, attra-

hidos da noticia d'aquella maravilha, tanto instigaram o povo contra a santa menina, apontando-lh'a como feiticeira e sacrilega, que Symphronio, temendo uma sedição, se a pozesse em liberdade, e não se atrevendo a condemnar á morte aquella que restituira a vida a seu filho, tomou o partido de se retirar; commettendo a causa a Aspasio, seu tenente. Intimidado este com a grita do povo, que a conclamava feiticeira e maga, condemnou Ignez a ser queimada viva.

Apresta-se a fogueira: todos estão impacientes por verem reduzida a cinzas aquella victima ditosa e innocente: mas eis que o fogo, dividindo-se em duas partes, a deixa intacta, como aos dois mancebos hebreus na fornalha de Babilonia; e as chammas, remoinhando por um e outro lado, vão abraçar a muitos dos que faziam o officio de verdugos.

Por ultimo, como os sacerdotes e o povo pagãos continuassem a attribuir aquellas maravilhas e artificios ao demonio; Aspasio, receiando algum alboroto, ordenou que a decapitassem n'aquelle mesmo logar onde ella devia ser queimada.

Então Ignez, ardendo em santa impaciencia de se ver unida para sempre no céu com o divino Esposo, supplicou ao Senhor que houvesse por bem permittir que o seu sacrificio fosse consummado. E voltando-se logo para o verdugo, que se lhe approximava tremendo e com respeitoso temor, animou-o a executar a ordem que tinha recebido:

— Dá-te pressa, disse ella, em destruir este corpo, que teve a desgraça de agradar a outros olhos que não são os do meu divino Esposo Jesus Christo, unico Senhor do meu coração. Não temas dar-me uma morte, que vae ser para mim o principio d'uma vida eterna.

Depois, levantando amorosamente os olhos ao céu, proferiu estas palavras:

— Recebei, Senhor, uma alma que muito vos custou, e a quem amaes tanto.

Finda esta supplica, o verdugo embebeu-lhe com mão trémula o ferrô no peito, e Ignez expirou.

Foi assim, diz S. Jeronymo, que Santa Ignez sobrepujando a natural fraqueza da sua idade e do seu sexo, conseguiu alcançar uma dupla victoria contra o inimigo de Jesus Christo; e consagrando pelo martyrio a honra da virgindade mereceu receber no céu uma dupla coroa.

Todo o furor dos pagãos não pôde impedir que o santo corpo de Ignez fosse enterrado como em som de triumpho.

Os muitos milagres que seguiram o seu passamento, inflammaram a devo-

ção dos fieis; e Santa Ignez foi desde logo celebrada em todo o orbe christão.

A Egreja, não se contentando com uma festa em honra da nossa Santa, por duas vezes faz memoria d'ella. No dia 21 celebra a sua paixão e gloriosa morte na terra, e a 28 solemnisa o seu nascimento no céu.

O concurso ao seu sepulcro foi em todo o tempo mui numeroso, não sómente dos fieis, mas tambem dos gentios, que se l es misturavam para terem parte nos milagres operados por intercessão de Santa Ignez. Ainda sob Constantino, edificou-se alli um magnifico templo.

E' n'esta egreja que se benzem todos os annos dois cordeirinhos vivos, de cuja lã se faz o *pallio*, que os Papas enviam aos Arcebispos.

## RETROSPECTO

### Discurso do Papa

Eis o discurso do Soberano Pontifice ao Sacro Collegio na audiencia solemne de 23 de dezembro, em resposta á mensagem do Cardeal decano Em.<sup>mo</sup> Oreglia:

«A idade avançada e as repetidas amarguras em que a Nossa alma é mergulhada, tornam mais cara que nunca a consolação de celebrar ainda uma vez a solemnidade do Natal, confortado pelos votos do Sacro Collegio. Pela Nossa parte, cheio de reconhecimento para com o Senhor, pae de toda a bondade, que se tem dignado assistir-Nos affectuosamente até ao presente, todos os dias lhe exoramos não permitta que este ultimo tempo da Nossa vida mortal decorra sem utilidade para a sua Egreja. Conceda-nos Elle a graça de poder empregar-o todo, seja qual fôr a sua duração, em sua gloria, e especialmente na obra restauradora que vós, senhor Cardeal, acabaes de mencionar. —E' effectivamente verdade que nas longas e numerosissimas tempestades em que se gastam os individuos e os povos, era Nosso dever indicar a virtude sobrehumana da religião de Christo como caminho da salvagão commum. E realmente o zelo de conduzir ás instituições christãs o nosso seculo desconfiado e indocil tem sido um dos fins a que com mais amor Nos dirigiamos pelo caminho assaz longo do Nosso ministerio. Por isso Nos temos esforçado mais d'uma vez em convidar as nações a fixarem attentamente suas vistas, sem se deixarem transviar por idéias preconcebidas, na Egreja e no Papado, como elles realmente são. Com certeza, se elles fossem melhor conhecidos por

uns e menos desfigurados artificialmente por outros, por si mesmos dissipariam os prejuizos e ganhariam os espiritos mais insubmissos. A Esposa do Salvador se mostraria, com effeito, tal qual é, não inimiga, mas auxiliar de todo o bom progresso civil.

«Então as sociedades humanas poderiam verdadeiramente contar com uma paz duradoura e esperar confiadamente a sua verdadeira salvação, graças ás influencias do christianismo, que novamente comunicaria sua força vivificante ás instituições d'ordem civil e social. Quanto a Nós, jámais desviaremos a intenção e o coração d este intuito supremo.

«A verdade é que a missão que Nos incumbe, de si ardua, tornou-se mais difficilosa pelas circumstancias actuaes. Não falamos dos obstaculos que tem encontrado sempre no mundo o apóstolado da verdade e da justiça; estamos-nos referindo ás condições exteriores que ha mais de cinco lustres constangem o supremo Hierarcha. Debalde se recorre aos sophismas e ficções juridicas: desde que a independencia da Santa Sé foi offendida na sua fórma providencial, não ha meio de lhe pôr a salvo, segura e convenientemente, a liberdade desejada.

«Para que servem as leis que forjaram para defeza da pessoa e dignidade do Pontífice? Muito recentemente experimentamos a efficacia da protecção que d'ellas podemos esperar.

«Não havia muito tempo que a Nossa palavra echoara no Oriente em favor dos infelizes armenios, quando, em um momento d'angustia para a nossa peninsula, acariciámos o pensamento de consolar em terra longiqua e inimiga centenaes de valentes homens, trahidos pela sorte das armas. A paternidade espiritual e o amor da patria foram o Nosso mobil; e em Nosso desejo do allivio d'outrem entreviramos, sem que isso nos detivesse, a possibilidade do que depois succedeu. Oh! todos viram como até este acto de caridade foi lançado, sem defeza, ao opprobrio e á calunnia.

«Vê-se que a direcção do estado de coisas actual e o espirito que as informa são sempre os mesmos. Persiste-se em manter vivo o grave conflicto que perturba milhões de consciencias e pesa como um infortunio nos destinos da Italia. Erro lamentavel; e o Céu nos é testemunha de quanto Nos é doloroso. Mas isto não enfraquece Nossas esperanças, pois mysteriosamente vela, até sobre as vias da politica humana, Aquelle que em suas mãos tem o coração dos homens e que na hora da misericordia cura as nações.

«Com a mais sincera troca de votos correspondemos, entretanto, aos ami-

gaveis desejos do Sacro Collegio, desejando-lhe a maior abundancia de dons celestes. Recebei como signal e presagio d'esses dons a benção apostolica que com paternal affecto damos aos Cardeaes, e tambem aos Bispos, aos diversos Prelados e a todos os aqui presentes.»

### Leão XIII

#### e uma religiosa carmelita

*La Croix*, acreditado jornal catholico francez, diz, em telegramma de Roma, que uma religiosa carmelita offereceu a sua vida pela prolongação dos dias de Leão XIII, velho e fatigado.

Não ha n'isto nada que não esteja nos usos do santo commercio das religiosas com o céo.

O mais extraordinario é que esta menina enclausurada, em seguida a uma circumstancia excepcional, confiou o segredo do seu sacrificio ao proprio Papa; e Sua Santidade, apparecendo aos seus soldados com uma saude admiravel e que os jornaes dizem toda juvenil, diz-lhes que o renovamento da sua vida é devido a uma carmelita enclausurada que acaba d'expirar.

Ha n'isto uma manifestação do sobrenatural que deixa os jornalistas na maior estupefacção.

#### Fallecimento do superior dos Irmãos da Doutrina Christã

Falleceu ha pouco, em Paris, o Irmão Joseph, benemerito superior da Congregação dos Irmãos da Doutrina Christã, o qual nasceu em 1823 e entrou para o noviciado da Congregação aos 14 annos.

Depois de uma longa e brilhante carreira como professor e como director d'um excellento instituto d'ensino, foi em 1867 nomeado visitador e em 1874 assistente do superior geral. Em 1881 o governo francez chamou-o para o seio do Conselho d'instrução publica.

Em 1884 foi eleito por unanimidade superior geral. São relevantes os serviços que ao ensino christão prestou no exercicio de tão elevado cargo.

Em 1884 o Instituto contava 12:000 irmãos e ministrava o ensino a 300:000 alumnos; ao presente conta 15:000 irmãos, 4:000 dos quaes nas missões francezas e em paizes estrangeiros, e instrue 350:000 alumnos.

A sua morte foi muito sentida.

Deus lhe dê o eterno descanso!

#### Um jornalista catholico martyr

O *Osservatore Cattolico*, de Milão, dá noticia do martyrio, infligido na Republica do Equador, a um jornalista catholico. No dia 6 de agosto de 1896, anniversario da morte gloriosa de Garcia Moreno, martyr da Maçonaria, foi

fuzilado em Quito, depois de lhe arrancarem um a um os dedos da mão direita, um valoroso publicista catholico chamado Vivar.

Por um requinte de crueldade, não o deixaram receber os sacramentos antes da execução.

Esta infamia, praticada pelo maçonismo do Equador, conservou-se desconhecida, sendo raros os jornaes que a noticiaram.

Que miseraveis!

#### O Papa e os armenios

Segundo o correspondente de Roma para o *Daily Chronicle*, por occasião da recepção dos embaixadores, no dia de Anno Bom, o Papa teve uma demorada conferencia com o sr. Poubelle, representante da França.

Leão XIII fallou da questão do Oriente e insistiu de novo na necessidade de que as potencias catholicas intervenham em favor dos christãos da Turquia.

Sua Santidade accrescentou que a França, como protectora tradicional dos christãos no Oriente, deve ser a primeira a intervir.

#### O patriarcha de Constantinopla

A imprensa grega occupa-se muito da lucta entre o patriarcha grego de Constantinopla e os romanios e servios, e indica que a Russia apoia os inimigos do hellenismo e trata de submeter completamente o patriarcha ecumenico á influencia slava para contar com a maioria no conselho do Santo Synodo.

O mesmo patriarcha recebeu uma carta ameaçando-o de morte se não accede aos desejos dos romanios e dos servios, os quaes reclamam o estabelecimento de um bispado na Macedonia.

#### Um manuscripto do seculo V

O Museu egypcio de Berlim acaba de adquirir um manuscripto encontrado em Menin (Egypto). Este precioso codigo data do seculo V, e contém a versão completa de tres obras gnosticicas do seculo II, duas das quaes eram desconhecidas completamente. A outra era só conhecida por S. Ireneo, que cita d'ella varias passagens, ainda que não indica a origem. Estes tres escriptos gnosticicos são os seguintes:

1.º — *Evangelium Mariae sive Apokryphon Johannis*, da qual S. Ireneo cita varias passagens e se refere principalmente ás revelações de S. João.

2.º — *Sophia Jesu Christi*, que contém varias perguntas dos discipulos e respostas do Salvador.

3.º — *Praxis Petri*, que se occupa de uma cura milagrosa do apostolo de S. Pedro.

Esta descoberta é de grande interesse para a historia das origens do christianismo.

### O novo Nuncio em Lisboa.— Concordata

Diz o *Diario de Noticias* de 5 do corrente:

O Nuncio de Sua Santidade visitou hontem o sr. ministro da marinha na respectiva secretaria.

Segundo ouvimos, tratou-se especialmente do projecto de concordata para o estabelecimento definitivo do padroado portuguez nas nossas provincias de Angola e Moçambique.

Quanto a Moçambique ha já um accordo com a curia pelo qual o nosso padroado abrange todo o territorio da Africa oriental sujeito ao nosso dominio; mas o mesmo não succede em Angola, onde tanto ao norte como ao sul ha territorios que, ecclesiasticamente, estão sob a acção da Propaganda. A coincidência da jurisdicção ecclesiastica e administrativa, que será o resultado da concordata, se ella se realisar, como parece provavel, terá grandes vantagens para a nossa politica colonial.

Segundo parece, o snr. Nuncio disse que da parte da curia havia as disposições mais favoraveis a este respeito.

### Confissão insuspeita

Um dos homens mais importantes do partido radical francez, o snr. Goblet, pronunciou ha pouco um discurso em que se lamenta amargamente das novas tendencias reaccionarias da republica.

«Não ha que dissimular, a republica recuou singularmente... A politica de reconciliação que triumphou é a do Papa. Foi elle que a inventou e a dirige com a cumplicidade dos nossos governantes».

Que a palavra do Papa triumphou, é facto que se não póde negar. Mas que triumphou com a cumplicidade dos governantes, é o que ninguem ac edita.

Pois não tem sido os governantes os que mais se tem opposto á politica do Papa? Não são elles que respondem ás palavras de paz com a guerra mais implacavel? Queria o snr. Goblet que o governo fosse ainda não intolerante?

### Cardeal Jacobini

Os alumnos portuguezes que actualmente frequentam o Pontificio Seminario Romano, em prova de reconhecimento para com o Em.<sup>mo</sup> Cardeal Jacobini, pelo modo como este illustre Prelado exerceu a missão de Nuncio de S. S. em Portugal, aproveitaram a occasião em que S. Em.<sup>a</sup> recebeu o chapéu cardinalicio para lhe offerecerem a seguinte inscripção:

DOMINICO. IACOBINI  
ARCHIEPISCOPO. TYRIENSI  
LEGATIONEM. APVD. REGEM. LVSITANIAE  
MAGNA. PRVDENTIAE. SOLLERTIAEQVE.  
LAVDE  
MAGNISQUE. REL. CATHOLICAE.  
EMOLYMENTIS  
SPLENDIDE. FVNCTO  
CVI  
LEO. XIII. PONT. MAX.  
PRAEMIUM. SACRAE. PVRPVRAE. TRIBVIT  
ALVMNI. E. LVSITANIA  
IN. PONTIF. SEMINARIO. ROM. DECENTES  
DIE. FAVSTISSIMO. III. NON DEC.  
AN. MDCCCXCVI  
QVO. DIE. INSIGNIA. PERAMPLAE, DIGNITATIS  
SOLENNI. RITV. SVSCIPIT  
PLAVDVNT. LAETITIS. OMNIBVS  
FELICIAQVE. OMNIA. OPTANT. PRECANTVR  
VIRO. DE. GENTE. SVA. PRAECLARE. MERITO  
SVAEQVE. INSTITVTIONIS. PATRONO  
FACTORI. OPTIMO, CIVIS. BENEFICIA  
ANIMO. CVSTODIENT. NYMQVAM. IMMÉMORI

### Heroína catholica e franceza

Por occasião dos morticínios de christãos ultimamente praticados na Turquia refugiaram-se 300 armenios, homens, mulheres e creanças, no consulado francez de Diarbikir. A bandeira tricolor conteve em respeito os assassinos.

Os refugiados pediram ao consul que lhes facultasse o embarque em Aluandreta. Era preciso protegê-los no trajecto até áquelle porto e o consul não podia desamparar o seu posto. Offereceu-se sua mulher para os acompanhar.

A valorosa senhora obteve um salvo-conducto com grande difficuldade, porque os turcos não o queriam tornar extensivo aos armenios.

Organisou-se a caravana, á frente da qual foram postos os quatro filhos do consul, um d'elles ainda de peito, indo a mãe na rectaguarda da columna.

Depois de uma demorada marcha, difficultada pela má vontade das auctoridades turcas, que diligenciavam mover a consuleza a seguir viagem sósi-nha, abandonando os armenios, o que seria para estes a sentença de morte, chegou a caravana ao porto, pelo qual emigraram aquelles trezentos desraçados, salvos da morte pela coragem e dedicação de uma mulher, a qual regressou em seguida com os filhos para junto do marido.

O governo francez não teve uma condecoração para recompensar esta heroína.

### A conspiração da polvora

Um jesuita inglez, o Padre Gérard, publicou ha pouco um curioso estudo sobre a famosa conspiração das polvoras, attribuida aos jesuitas, accusados de quererem fazer voar pelos ares o parlamento inglez, demonstrando que tal conspiração não existiu e que apenas houve uma machinação da policia. Este trabalho recebeu o mais favoravel acolhimento de notaveis historiadores protestantes.

### Testamento d'um Bispo catholico

Alguns trechos do testamento do Em.<sup>mo</sup> Cardeal Boyer, ha pouco fallecido:

«O meu ultimo pensamento e a minha suprema homenagem ao Vigario de Jesus Christo, ao grande Papa Leão XIII, tão dedicado á nossa cara França e tambem, ousou dizel-o, á minha humilde pessoa.

«Quero a tumba dos pobres. Que a simplicidade do meu esquite lembre a humildade do meu nascimento. Não será collocado sobre elle corôa alguma, nem pronunciada oração funebre.

Peço a Nosso Senhor Jesus Christo que se fez homem para poder soffrer e morrer por todos os homens, que se digne acceitar os meus prolongados soffrimentos e os sacrificios da minha vida a favor das almas que confiou aos meus cuidados».

## O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente  
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1,500 reis—Estados da India, China, e America, 1,5280 reis, moeda portugueza—  
Numero avulso 100 reis.

### As assignaturas são pagas adeantadamente

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a  
Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua a Picaria, 74—PORTO.

Typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74 — Porto